



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

MULHERES E RELIGIÃO: INCIDÊNCIAS NO MOVIMENTO FEMINISTA E DE MULHERES¹

Liria Ângela Andrioli², Walter Frantz³, Rosângela Angelin⁴.

¹ Pesquisa realizada diante do projeto de Doutorado de Liria Angela Andrioli e da linha de pesquisa sobre direito e movimentos sociais, coordenada por Rosângela Angelin.

² Doutoranda em Educação nas Ciências pela UNIJUI, na linha de pesquisa: “Educação popular em movimentos e organizações sociais”. Bolsista Capes/Fapergs. Integrante da Marcha Mundial de Mulheres, liriaandrioli@yahoo.com.br

³ Professor Orientador. Doutor em Ciências Educativas pela Universidade de Münster (Alemanha). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Mestrado e Doutorado da UNIJUI, wfrantz@unijui.edu.br

⁴ Doutora em Direito pela Universidade de Osnabrück (Alemanha). Docente do Programa de Pós-graduação em Direito strictu sensu – Mestrado e da Graduação em Direito da URI Campus Santo Ângelo-RS, rosangelaangelin@yahoo.com.br

Resumo

O presente estudo tem como propósito refletir acerca de como a religião e a religiosidade contribuíram nos processos de resistência do movimento feminista e de mulheres e nas lutas pela conquista de equidade nas relações de gênero. Nessa perspectiva, nos amparamos em elementos históricos e teológicos, a fim de compreender os mecanismos utilizados pelas religiões, principalmente a cristã, para a construção da identidade feminina. MÉTODO: A metodologia empregada foi de natureza teórica, com tratamento qualitativo dos dados e com finalidade explicativa, utilizando-se do método hipotético-dedutivo. CONCLUSÕES: A religião e a religiosidade tiveram influências significativas na trajetória dos movimentos de resistência das mulheres. Ao mesmo tempo em que suas atitudes de opressão e menosprezo contra as mulheres geraram revoltas e impulsionaram os movimentos feministas a se rebelarem, por outro lado, também estes foram e são influenciados positivamente pela teologia libertadora do cristianismo.

Palavras-chave: Mulheres. Religião. Movimento Feminista

Introdução

As relações de gênero passaram por inúmeras alterações no decorrer da história da humanidade, e hoje, configuram-se como construções culturais de identidades masculinas e femininas, envolvendo relações de poder e impondo comportamentos aos homens e às mulheres que nem sempre se estabelecem através da coerção física, mas também através da subjetividade das relações humanas, neste caso, em especial, a religiosidade.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

Pesquisas arqueológicas evidenciam que os seres humanos, do período paleolítico e neolítico viviam em um sistema de parceria entre mulheres e homens, sendo as mulheres veneradas em todas as sociedades agrícolas antigas, diante de seu poder de gerar a vida e, com isso, manter a espécie humana (EISLER, 1996). Assim, de acordo com Ruether (1993), pressupõe-se que o culto à deusa seja uma das religiões mais antigas, tendo perdurado por mais tempo na história. No princípio da civilização humana “[...] a vulva era venerada como o portal mágico da vida, possuindo o poder tanto de regeneração física quanto de iluminação espiritual e transformação” (EISLER, 1996, p. 27).

A naturalização da opressão das mulheres foi uma construção “eficiente” no decorrer dos milênios, reforçada também através dos mitos, contos e da religião, que intensificavam o papel de submissão imposto às mulheres. Aliado a esta ideia, difundiu-se e forçou-se um pensamento de que às mulheres era reservada uma vida dura no mundo privado, impregnada de dissabores e de servidão. Estes valores perduraram por muitos milênios na humanidade e tiveram o apoio irrestrito da religião cristã.

Vale lembrar que, atualmente, como forma de justificar a submissão “natural” das mulheres, utiliza-se o livro da Bíblia, principalmente no Antigo Testamento, onde as “[...] leis criadas por essa casta masculina dominante definiam as mulheres como propriedade privada dos homens [...]. Primeiramente pertenciam a seu pai. Depois [...] a seus maridos e senhores [...]” (EISLER, 2007, p. 151). Também, conforme Gebara (2000), os símbolos do cristianismo são patriarcais, e criou-se uma cultura de obediência cega à figura masculina que vai desde Jesus até os apóstolos, pais, padres, etc., a qual passou a ser o centro da religião patriarcal que gera a opressão e o autoritarismo.

Não se pode renegar também outro fato histórico envolvendo a religião que foi a perseguição às bruxas, na grande maioria mulheres. Neste período, a mulher era vista como disseminadora do mal para a humanidade. Isto pode ser constatado, claramente, através da perseguição destas pela Igreja e pelo Estado, no período da “Santa Inquisição”, momento este em que milhares delas foram difamadas, desprezadas e exterminadas da sociedade (ANGELIN, 2005).

Porém, apesar das influências muitas vezes negativas da religião cristã à vida e à identidade das mulheres, elas sempre resistiram e, em vários momentos, a própria escritura bíblica relata momentos de atuação, participação, influência social e de resistência das mulheres.

Desta forma, este breve estudo, tem por objetivo lançar um olhar diferenciado e, ao mesmo tempo, considerar o olhar dialético envolvendo feminismo e religião cristã. Nesse caminho, pretende-se refletir acerca de como a religiosidade influenciou a trajetória dos movimentos de resistência, bem como nos movimentos feministas e de mulheres.

Metodologia





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

A metodologia utilizada foi de natureza teórica, com tratamento qualitativo dos dados e com finalidade explicativa, utilizando-se do método hipotético-dedutivo.

Resultados e discussão

A religião cristã apresenta uma contradição em si mesma, como aponta Gebara (2000, p. 156), com muita propriedade:

[...] a religião encerra em si mesma um alto índice de contradição; Levando em conta que a mensagem das religiões, em geral, e de modo particular do cristianismo, é garantir a vivência humana a partir dos valores fundamentais de toda existência, parece contraditório que esses mesmos valores tenham podido gerar formas de cumplicidade com a violência social.

Nesse viés, a religião patriarcal, com seus instrumentos de manutenção de uma realidade cultural estabelecida, passa a agir sob o enfoque controlador do corpo e da sexualidade feminina. Lagarde (2011) ao se referir à influência da Igreja na manutenção e legitimação desta dominação estabelecida, destaca:

Las iglesias, em particular la católica, disputan el cuerpo, la sexualidad y la subjetividad de las mujeres mismas. Impulsan una cruzada política contra las mujeres y se oponen a los derechos de las mujeres con toda su autoridad y su poder terrenal y sagrado. Las iglesias y los grupos y estamentos poderosos y tradicionalistas se alían para impedir jurídica y políticamente el avance de las mujeres y la transformación desde una perspectiva democrática de género de las sociedades y las culturas. Contribuyen a delinear mentalidades misóginas y supremacistas (p. 21).

Lagarde (2011) nos remete a uma nova dimensão de pensamento ao pronunciar-se sobre a força controladora da igreja perante avanços na esfera dos direitos femininos. Fica evidenciada, inclusive, a influência da religião cristã no retardamento do debate, por exemplo, do direito das mulheres de decidirem sobre os seus corpos.

Os temas polêmicos, entretanto, como direito ao corpo e o combate da violência à mulher começam a ser evidenciados e discutidos, desta vez não somente com o enfoque patriarcal e controlador da igreja, mas embasado nas pautas reivindicatórias do movimento feminista. Desta forma, desencadearam importantes lutas tendo a maioria delas possibilitado um avanço significativo na luta pela emancipação das mulheres ousando trazer à tona debates acerca de questões estruturais que geraram e seguem gerando a opressão das mulheres, rumo a uma maior igualdade nas relações de gênero.

Ao mesmo tempo em que as igrejas cristãs, em sua grande maioria, assumem a discriminação da mulher, os próprios ensinamentos de Cristo apontam para um tratamento igualitário em dignidade para





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

homens e mulheres, apontando que, “Ao invés de ‘virtudes masculina’ da força, agressividade e dominação, o que devemos valorizar, acima de tudo são a responsabilidade mútua, a compaixão, a gentileza e o amor” (EISLER, 2007, p. 183).

Uma vez que as igrejas cristãs possuem uma grande influência no ocidente e, diante dessa dicotomia, ao mesmo tempo em que suas atitudes de opressão e menosprezo contra as mulheres geraram muita revolta e impulsionaram os Movimentos Feministas a se rebelarem, por outro lado, também estes foram e são influenciados pela teologia libertadora do cristianismo.

Sob o prisma da dignidade feminina e da luta embasada na vida cotidiana, ecoou no Brasil, juntamente com o Movimento Feminista, o Movimento de Mulheres com influência de igrejas cristãs e das pastorais sociais, ancoradas na Teologia da Libertação. O Movimento de Mulheres surge ancorado por demandas concernentes principalmente aos direitos de pequenos grupos de áreas específicas, como, por exemplo, o movimento de mulheres rurais, indígenas, negras e empregadas domésticas. Estes grupos, mesmo lutando por demandas e ações muitas vezes distintas, juntou-se ao Movimento Feminista, “[...] no final da década de 1970, para lutar por bandeiras comuns envolvendo a busca de direitos para as mulheres” (ANGELIN; MADERS, 2010, p. 92).

Não se pode olvidar da teologia feminista, que “[...] convida a uma reflexão séria sobre a maneira como os valores do Evangelho nos foram transmitidos e como continuamos a transmiti-los às novas gerações nas diferentes regiões em que vivemos” (GEBARA, 2010, p. 26). Pode-se afirmar, inclusive, que a religiosidade, influenciada pelos referenciais da teologia feminista permitiu dar novos significados para o debate acerca das relações humanas, envolvendo a temática das relações de gênero e influenciando nas bandeiras tanto do Movimento Feminista como do Movimento de Mulheres que, ao mesmo tempo também influenciam na maneira atual de repensar a igreja e o cristianismo.

Conclusões

As relações humanas são construídas ao longo da história da humanidade, definindo identidades masculinas e femininas, através de relações de poder. Do patamar de deusas, as mulheres se tornaram objetos de pecado e de subordinação, sofrendo grande influência objetiva e subjetiva no mundo ocidental, da igreja cristã. Percebe-se, entretanto, que ao mesmo tempo em que os evangelhos do Antigo e do Novo Testamento pregam a submissão das mulheres, os ensinamentos de Cristo voltam-se para valores tidos como femininos, ou seja: o cuidado e o amor para com o próximo, o perdão, a compreensão, enfim, encontram-se passagens onde o próprio Cristo aproxima-se das mulheres tratando-as igualmente aos homens. Essa dicotomia envolvendo a opressão e, ao mesmo tempo, indicando a igualdade de tratamento entre homens e mulheres, acabou por influenciar o Movimento Feminista e de Mulheres que, com uma base cristã de formação, utilizaram, tanto a opressão como a busca pela libertação para apregoarem uma vida melhor e isonômica entre homens e mulheres.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

Aos poucos, com a propulsão do movimento feminista, a constituição de identidades masculinas e femininas passou a ser ressignificada. Assim, começa a luta pela modificação dos paradigmas culturais e sociais historicamente instituídos. Concomitantemente, surge também, o Movimento de Mulheres que passa a reivindicar intencionalidades específicas.

Pode-se arriscar a dizer, portanto, que a religião e a religiosidade tiveram influências significativas na trajetória dos movimentos de resistência das mulheres. Estes movimentos também contribuíram decisivamente para repensar as relações humanas numa perspectiva igualitária e mais digna dentro da própria igreja. A religiosidade, vista de forma positiva e com sentido libertário proporcionou condições de abrir os olhos e tornou perceptível que nós, homens e mulheres, “Não cabemos mais no modelo único, na dominação única, na verdade única, no amor como modelo único” (GEBARA, 2010, p. 74).

Referências Bibliográficas

ANGELIN, Rosângela. A “Caça as bruxas”: uma interpretação feminista. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, 5v, n. 53, out. 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/053/53angelin.htm>>. Acesso em 10.07.2012.

ANGELIN, Rosângela; MADERS, Angelita Maria. A construção da equidade nas relações de gênero e o movimento feminista no Brasil: avanços e desafios. In: Cadernos de Direito, Piracicaba, Volume 10, n. 19, jul./dez., 2010.

EISLER, Riane. O prazer Sagrado: sexo, mito e política do corpo. Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 1996.

_____. O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2007.

GEBARA, Ivone. Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

_____. GEBARA, Ivone. Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos. Antologia de Textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.

LAGARDE, Marcela. Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas. Madrid: Horas y Horas, 2011.

RUETHER, Rosemary R. Sexismo e Religião: rumo a uma teologia feminista. Tradução: Walter Altmann, Luís Marcos Sander. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1993.